

Nos últimos anos da década de 1970, diversos segmentos da sociedade brasileira mobilizaram-se em prol da libertação dos militantes de esquerda Flávio Koutzii e Flávia Schilling, presos na Argentina e no Uruguai respectivamente. O projeto maior em que essa apresentação se insere visa à construção da biografia política de Flávio, mas aqui o olhar volta-se para Flávia, já que seguidamente seus nomes aparecem relacionados na documentação consultada. Aos 18 anos, em 24 de Novembro de 1972, Flávia Schilling foi presa em Montevideu acusada de militância clandestina no grupo político Tupamaros. Ela foi ferida no momento da detenção e passou as primeiras semanas no hospital - de onde escreveu as primeiras cartas. Posteriormente, foi transferida para o Presídio Feminino de Punta Rieles, onde ficou de fevereiro a junho de 1973, e de lá continuou a escrever para sua “querida família”, narrando, dentro dos limites possíveis, seu dia-a-dia no cárcere. Demarcando o estudo aos dez primeiros meses de prisão - 10/12/1972-24/10/1973 - essa comunicação propõe-se a analisar as 35 cartas escritas por Flávia, publicadas em 1978 no livro “Querida Família:”, organizado por seu pai, Paulo, como parte da campanha pela libertação da filha. As questões propostas para a análise são: de que modo essas cartas expressam formas de resistência encontradas por Flávia à disciplina prisional? Tais resistências se relacionam com os papéis de gênero tradicionalmente atribuídos às mulheres? Os referenciais teóricos da análise são: escritas de si, resistência e gênero.